Revista Canteiro. Ano 1. Número 1. Set. 2014
www.revistacanteiro.com

Triângulo Amoroso – Crítica, História e Arquitetura.

Ricardo Camera

Com um artigo em mãos (O estudo da história no ensino da arquitetura contemporânea – Marisa de Oliveira Trinta) iniciamos a disciplina História da Arquitetura e Urbanismo. O trabalho discutia justamente sobre as finalidades da disciplina no curso, bem como a finalidade da Arquitetura propriamente dita. Contudo, notei de imediato uma singela frase no primeiro parágrafo, cujo conteúdo, extremamente importante, passa despercebido pela maioria: "O ensino da disciplina em Universidades precisa desenvolver-se de forma responsável para a *compreensão do significado crítico da história*." Nas folhas seguintes o artigo afirma que a Arquitetura é uma expressão material e concreta da História – como se fosse um "pedaço" do passado em forma de construção. Oras, se a Arquitetura, em suas variadas interpretações e diversidades, exprime um momento histórico, onde encaixar a palavra (crítica) nesse contexto?

A palavra crítica advém do grego e significa (arte de discernir) – dessa maneira, descobre-se que crítica não é o "falar mal" de tudo e todos como o senso comum costuma fazer. No pensamento filosófico moderno, tal termo é utilizado para designar uma análise científica, profunda e sistemática de uma situação ou conceito. Feito a verificação da procedência e coerência do objeto de pesquisa, usa-se os resultados obtidos para produzir um questionamento. Assim, atesta-se ou refuta-se um objeto de análise, e verificam-se as consequências futuras a partir do resultado.

Pois então, repito minha pergunta. Se a Arquitetura expressa a história, como compreender o significado crítico disso? Um tanto complexo, porém engrandecedor, é o processo de analisar e sintetizar algo de maneira crítica. Mas para isso ocorrer é preciso se desvencilhar da Ideologia, do senso comum e dos preconceitos, caso contrário o resultado será superficial, de má qualidade e não coerente. É necessário, portanto, que se pesquise todo o contexto histórico, geográfico e material de uma população – com finalidade de entender o porquê do tipo de Arquitetura que está se desenvolvendo. Descobrir as causas de supostas práticas, o que aquilo significou durante determinado momento e como tais fatores vieram a influenciar no modo de vida antigo e no nosso presente. Desvendar, com métodos acadêmicos, a forma com que uma sociedade se desenvolveu, de modo a não excluir nenhum dado histórico, é fundamental para entender, no caso, a Arquitetura antiga – e por sua vez, a Arquitetura e a sociedade atual.

Não realizar esse tipo de análise (o método de análise crítico da histórica) é um equívoco grave - a meu ver. Se cometido, o indivíduo não será capaz de se localizar no tempo e espaço. Seria como se tudo fosse resumido no "aqui e agora", o chamado (momento espetáculo), em que a memória e o passado deixam de existir. Perde-se o vinculo com o passado. Toda a realidade concreta de nosso cotidiano é fixada ali mesmo, interpretada com o próprio presente e o aparente, como se a origem das mazelas da sociedade vieram a existir naquele exato segundo, se explicando a si mesmo. É um ciclo vicioso. É um sofisma. - Engraçado, George Orwell, em sua distopia (1984) descreveu exatamente isso: um sistema totalitário que mantem seus cidadãos alienados do passado; não lhes é fornecida a identidade histórica. Ninguém mais se lembra de como era "o antes". (Qualquer semelhança com os meios de comunicações e Mídias convencionais não é mera coincidência).

Vamos a um exemplo para elucidar de vez nosso triângulo amoroso: Crítica, História e Arquitetura.

Nosso objeto de análise será a arquitetura produzida no sertão nordestino e nas colônias Alemãs / Italianas da região Sul do Brasil.

A maioria de nós está acostumada a associar a miséria do povo nordestino com uma casinha de *pau a pique*. Um povo de história centenária, o qual habita casas de barro, telhado de palha, chão batido, vigas de bambu e materiais diversos. E assim permanecem. E assim sobrevivem. Esta é uma arquitetura que para os padrões da estética acadêmica e de mercado não é fotogênica. Em certos casos... De aparência aterradora...

Por outro lado, se seguirmos para o Sul, a quase três mil quilômetros do sertão nordestino, encontraremos outras realidades; podemos destacar as colônias de imigrantes Europeus – especificamente Alemães, Italianos e Poloneses. A "pequena Europa", com vilas e cidades que são verdadeiras atrações turísticas devido ao clima e a

Arquitetura de tradição. Qualquer cidadão diria que a Arquitetura produzida nesta ultima situação é mais bela e agradável do que aquela encontrada na primeira situação.

Por que isso ocorre? Quais são os motivos que explicam a brutal diferença arquitetônica entre essas regiões? Bem, (parte) das classes dominantes oligárquicas e da classe média meritocrática possuem explicações para tal situação, e, infelizmente, vemos que historicamente essas são as classes formadoras da opinião nacional. É um nicho que absorve e difunde Ideologias conservadoras. Mas voltando ao assunto – o diagnóstico encontrado: "o nordestino é pobre porque quer, é vagabundo, não gosta de trabalhar, é analfabeto, é ignorante, logo, não foi capaz de construir uma boa arquitetura, muito menos evoluir na vida...".

(Bem, Marilena Chauí acertou em classificar essa elite de abominação política e cognitiva).

Agora, afastando-se do senso comum, preconceito e Ideologia, poderemos responder o porquê da diferença arquitetônica do interior do Nordeste e das colônias sulistas. Por sua vez, tais porquês nos revelarão não apenas um porquê arquitetônico, mas um porquê da estrutura social brasileira.

Primeiramente é preciso verificar qual foi o processo de formação das duas sociedades em questão.

- Os moradores do sertão nordestino eram e são majoritariamente descendentes de escravos Africanos e mestiços/ mulatos – já podemos deduzir, portanto, que essa população estava excluída dos direitos civis da cidadania e igualdade de oportunidade. Apenas por conta de sua etnia. Relembrando que a estrutural social brasileira, desde sua formação, é baseada da hierarquização étnica e de classe.
- As famílias trabalhavam praticamente na condição de vassalagem. Seus suseranos eram os grandes latifundiários. O ponto de partida é a divisão de terras desproporcional (capitanias hereditárias), seguido por todo o coronelismo regional nordestino. Desse modo, deduzimos novamente que a população em questão tinha seus direitos trabalhistas e políticos excluídos.
- O acesso ao ensino básico e profissional era destinado aos filhos dos grandes proprietários, ou seja, não houve oportunidade de estudo para a maioria. Isso possibilitou a criação de um exercito de mão de obra quase gratuita, portanto de fácil exploração pelos proprietários privados. Sendo que futuramente, durante a tardia industrialização brasileira, os migrantes nordestinos (nordestino que buscavam melhoria de vida no Sudeste) não estavam aptos para trabalhar em uma indústria devido a esse vácuo educacional deixado pela história. Desemprego (durante os períodos em estudo) foi o resultado, e concomitantemente, a formação de gigantescos bolsões de pobreza nas periferias (já favelizadas) das grandes cidades; trocando em miúdos, o êxodo nordestino às metrópoles do Sudeste serviu para acentuar ainda mais as contradições sociais.
- A região Nordeste sempre sofreu com longas estiagens. Muito simples: não chove o suficiente. Os rios secam. A terra seca. A plantação seca. Os animais morrem. O solo não é fértil. Portanto, não havia como plantar, produzir, criar animais e desenvolver agricultura familiar por causa das condições naturais presentes na região, o que dificultava o trabalho e a vivencia. Assim, a população padeceu de fome, sede e doença.

- Para aprofundar sugiro a bibliografia dos cientistas sociais ***Florestan Fernandes, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.***

Após analisar os traços materiais e históricos a cerca dessa população, podemos concluir que na história do Brasil houve um *apartheid* socioeconômico e étnico, e isso se enraizou de tal maneira que se reflete nas desigualdades atuais. Agora pergunto: como a população em questão poderia desenvolver uma "arquitetura melhor", "mais bela"? Dentro dessa realidade, impossível. Não havia meios técnicos, financeiros e culturais para a construção de casas confortáveis, dignas de habitação, quiçá evoluir socialmente... A grandiosa sede colonial das fazendas cafeeiras e dos engenhos de açúcar era um privilégio do "senhor feudal". O que restou para o povo foi construir abrigos com os materiais disponíveis no ambiente, e do modo que podiam construir. Eis os motivos da casinha de pau a pique. Eis também os motivos para explicar os problemas sociais do presente, de modo a ser possível justificar empiricamente a existência de Programas Nacionais de transferência

de renda, inclusão social e étnica. Programas, estes, que as classes dominantes conservadoras e meritocráticas em hipótese alguma...

Vamos agora aos colonos sulistas:

- Os imigrantes Europeus desembarcavam no Brasil aos milhares, principalmente no século XIX. Por sua condição étnica – "a alvura de sua pele", os mesmos não sofriam com a discriminação étnica como sofreram os afrodescendentes. Os Europeus foram convidados a viver no Brasil com o intuito, na época, de "esbranquiçar a população", o que, de acordo com o pensamento vigente, ajudaria a desenvolver a pátria. Vieram em liberdade e viveram em mínimas condições para afirmar a liberdade individual.
- Os imigrantes e descendentes de Europeus trabalhavam nos comércios e fábricas, pois eram trabalhadores livres e assalariados, além disso, haviam assimilado o conhecimento do comercio, indústria e agricultura em seus países de origem, portanto, se localizar socialmente era mais oportuno. Dessa maneira, os imigrantes se organizavam em bairros, colônias agrícolas, vilas e até cidades inteiras, de modo a manter as tradições e fortalecer os laços econômicos com a comunidade. A indústria e agricultura sulista fora alavancada com o conhecimento técnico do imigrante, pois este, como foi visto, veio de um país onde a sociedade estava em processo comercial e industrial acelerado e muito afrente do Brasil. O pobre europeu não tinha dificuldade em lidar com os processos industriais e agrícolas – sem mencionar os professionais liberais que também chegaram ao Brasil, compondo, por fim, uma mão de obra qualificada para os padrões da época.
- Os polos de desenvolvimento onde se deu a imigração europeia na região Sul, bem como a região Sul como um todo, possuem regimes de chuvas constantes e regulares ao longo do ano; o solo, de modo geral, é fértil; o clima é favorável à produção de hortifrúti; os rios não secam; os animais não morrem de sede e fome... Enfim, ao contrário do Nordeste, o produtor sulista podia plantar e criar animais – desse labor se tirava o alimento diário. E também desse labor se fazia o comercio regional; ou, traduzindo, a agricultura e agroindústria familiar sustentavam as famílias, as quais também poderiam vender sua produção aos mercados.
- Algo que não posso deixar de mencionar é que em meados da metade do século XX, com a (marcha para o oeste acelerada) e os lemas positivistas dos governos militares "integrar para não entregar", a população sulista já consolidada foi instigada a ocupar o oeste e norte do Estado do Paraná, mas principalmente a região Centro-Oeste e Norte do Brasil. Muitas famílias deixaram os três Estados da região Sul para se embrenhar no meio do cerrado e mata amazônica, adquirindo, muitas vezes por meios escusos, milhares de hectares de terras. Quando por meio legal, a terra era vendida por preços irrisórios. Atualmente, esses sulistas compõem a classe dos "magnatas da soja" do Centro-Oeste. Algo também curioso é que no Mato Grosso, por exemplo, a expressão "bugre de olho azul" é muito comum – isso se deve a miscigenação étnica dos migrantes descendentes de europeus vindos do Sul com afrodescendentes e índios do Centro-Oeste e Norte.

(Note que se a migração nordestina ao Sudeste "fracassou", a migração sulista para o Centro-Oeste prosperou de forma espantosa – apenas a cidade de Sorriso MT produz mais grãos que o Estado inteiro de Santa Catarina, e só não produz ainda mais devido a insuficiência de armazenagem.)

(Algo também muito interessante de se observar é que a história se repetiu com os descendentes de europeus no Sul do Brasil. Eles já detinham conhecimento de comercio e agricultura, e foram convidados a colonizar as fronteiras oestes do Brasil, obtendo êxito com isso; tal como a imigração Europeia do século XIX).

Sendo assim, dentro desse contexto, se desenvolveu no Sul e Sudeste brasileiro uma classe intermediária e classe trabalhadora urbana e rural, branca e livre, as quais não foram excluídas da sociedade. No entanto, não podemos afirmar que não houve pobreza no processo de desenvolvimento dessa sociedade, pois isso de fato ocorreu, mas não de forma tão dramática como a história dos afrodescendentes e nordestinos.

Temos, então, a explicação para a existência da arquitetura "bela" e "cinematográfica" de lugres famosos em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A maneira como o cidadão sulista podia se relacionar com a terra e com os outros cidadãos possibilitou certa estabilidade de vida e renda suficiente para a construção de residências de moderado conforto, e que hoje fazem a alegria dos turistas.

CONCLUINDO

Um acadêmico, obviamente, poderia compilar um tratado sobre nosso Triângulo Amoroso – Crítica, História e Arquitetura, levando em consideração a diversidade de assuntos existentes. Todavia, aquilo que foi discutido é suficiente para esclarecer o tema. Julgo notória a importância de conhecer a história de forma crítica e aprofundada, visto que sem esse tipo de conhecimento, interpretar o presente está fora de cogitação. Assim, sem entender a passado e o presente, compreender e desenvolver Arquitetura e Urbanismo torna-se ainda mais difícil. Todo o processo arquitetônico e urbano é um fazer-se histórico; nas palavras da filósofa Marilena Chauí – "A história é praxis (no grego, praxis significa um modo de agir no qual o agente, sua ação e o produto de sua ação são termos intrinsecamente ligados e dependentes uns dos outros, não sendo possível separá-los). Nesta perspectiva, a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas (família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipos de educação, formas de arte, transmissão dos costumes, língua, etc.). Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se Ideologia."

Uma dessas instituições engendradas por meio das relações sociais históricas, pela lógica proposta, é a Arquitetura, contudo, de acordo com a explicação de Marilena Chauí, conseguimos decifrar que até mesmo o concreto, o tijolo e a pedra podem ser distorcidos e confundidos por ideias mal concebidas. Sim, a Arquitetura, mesmo que visível aos olhos ou sentida pelo toque, é subvertida pela Ideologia, cujo papel central não é apenas esconder um mero significado acadêmico, mas encobrir a relação social histórica que está por trás da construção. Eis a importância magna de se conhecer a história, cuja Arquitetura expressa; e pela qual a vida humana transita.

8 de agosto de 2014 – Laguna / Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARILENA, Chauí. *Convite à filosofia, editora Ática, v. 9, 1997.*
MARILENA, Chauí. *O que é Ideologia? Editora Brasiliense, v.* 42ª, n. 13, 1997.
ABRAMO, Perseu MARILENA, Chauí. *BRASIL: MITO FUNDADOR E SOCIEDADE AUTORITÁRIA, v. 1ª, 2000.*
TRINTA, Marisa de *Oliveira. O estudo da história no ensino da arquitetura contemporânea, Universidade Cândido Mendes, RJ, 2001.*
ORWELL, George. *1984. V. 4ª Pluma, 1983, EUA.*
SOUZA, Renato Santos de. *UFSM/RS, Desvendando a espuma: o enigma da classe média brasileira, http://jornalggn.com.br, 2013.*